



Alice Vieira

Jornalista, escritora, bebedora de café, inspira-se em Érico Veríssimo e George Clooney. Começou a escrever porque a filha disse que já não tinha mais livros para ler...

Entrevista Miguel Ferreira da Silva · Fotografia Luís Coelho

Trabalha em casa?

Só sei trabalhar em casa. Adoro cafés e esplanadas para tirar notas. Mas com continuidade, só em casa. No portátil que nunca saiu da mesa, naquela secretária, daquele lado da janela que dá para a rua.

O que avista a partir de sua casa?

O hospital. É um sexto andar de esquina. Há pouca visibilidade por causa dos carros estacionados e há choques a todo o momento. Isto, em frente ao hospital. Mais abaixo, fica a maternidade. Só ambulâncias a passarem. Mas dou-me muito bem com o barulho. O silêncio é que me perturba, o barulho é estimulante.

O que tem de ter sempre à mão?

A minha floresta, que são as minhas plantas, o leitor de CD, e a máquina de café ao lado. E depois, na parede, a minha inspiração, dois homens lindíssimos: as fotografias do Érico Veríssimo, escritor brasileiro que mais me influenciou, e do George Clooney. O homem perfeito está algures entre os dois.

Costuma ver televisão?

Muito pouca, não tenho tempo. Às vezes, de madrugada, o *Dr. House*... Já reparou que o Hugh Laurie é parecido com o Quique Flores?

Cinema em casa ou mesmo no cinema?

Cinema, só no cinema. Mas não vou muito ao cinema. Aí é a minha falha. Vou mais à música, aos concertos às 19 horas na Gulbenkian.

Gosta de cozinhar? Qual o prato com maior sucesso?

Toda a gente gosta muito do meu peru no Natal, que sou sempre eu que faço, o que é chato. Mas faço um bom caril de camarão, que às vezes faço também no

Natal em vez do peru. E sopas. Confesso que não sou muito boa dona de casa, até porque não tenho tempo, mas gosto muito de fazer malha, que é uma coisa que me distrai. Toco piano, faço Arraiolos e falo francês. Sou muito prendada...

Tem problemas de arrumação lá em casa com os livros e CD?

Com os CD nem tanto. Com os livros, o problema não é não ter prateleiras, é já não ter chão. Tenho o vício de comprar livros. Depois tenho muitos amigos que me dão livros. Depois há as editoras que também me dão livros. Os filhos foram para as suas casas mas os livros ficaram lá em casa. E agora até os netos trazem os livros lá para casa. Cada vez vou tendo mais livros, dou caixotes a bibliotecas e não se nota nada.

Livros e músicas da juventude?

A *Clarissa*, do Érico Veríssimo, livro a que volto muitas vezes e cada vez gosto mais. Depois, os livros do Augusto Abelaira, sobretudo *A Cidade das Flores*, um livro que a minha geração leu toda aos 18 anos. Mas há livros aos quais não se deve voltar. Porque foram muito importantes numa determinada altura e depois já não são a mesma coisa. Quanto à música, a minha juventude foi embalada com a música italiana e francesa, com o Brel, Brassens, Julliette Gréco, Léo Ferré, ainda hoje uma referência.

Disco e filme intemporais?

Estudei piano e sempre ouvi muito música clássica. Há muitas coisas que ficam. Um que me acompanha sempre é o Concerto n.º 2 de Rachmaninov, que serve de música de fundo ao filme da minha vida, dos anos 40, chamado *Breve Encontro*, de David Lean.

A nível arquitectónico, quais são os seus edifícios favoritos?

Gosto muito de Barcelona e das casas do Gaudí. Em Brasília, separadamente, os edifícios do Niemeyer são muito bons, mas no conjunto da cidade odiei Brasília. A arquitectura do Frank Lloyd Wright em Chicago. O Siza tem algumas coisas de que gosto, outras nem por isso. Não gosto de muitos minimalismos.

E há algum que deteste?

Se calhar, vou dizer uma barbaridade, mas ainda hoje me faz muita confusão as Amoreiras. Se calhar nem é o edifício em si, mas o sítio onde está. Faz-me confusão os edifícios que estão desproporcionados aos lugares. Os edifícios altos. Aquela

tendência de edificar em altura. Acho que os edifícios devem ser à escala humana e não à escala dos deuses. Não temos nada de chegar ao céu.

Tem algum arquitecto favorito?

Fernando Távora, Gaudí, e gosto dos estádios de futebol. Sou muito crítica, mas havendo... há uns que acho muito bonitos. Uma das coisas que eu gosto muito do Siza, das primeiras coisas que ele fez, foi a casa de chá da Boa Nova em Leça da Palmeira, que está muito bem integrada no sítio. Quando entramos, temos a sensação de estar a entrar no mar. Está-se lá bem, como às vezes não se está nas arquitecturas modernas. Mário Quintano, poeta brasileiro, escreveu: "Não gosto da arquitectura nova porque a arquitectura nova não faz casas velhas."

Há alguma cidade que lhe tenha ficado marcada na retina?

Chicago foi uma. E uma das cidades mais bonitas, Buenos Aires, porque tem bocadinhos de Barcelona, de Paris. Duas cidades lindíssimas para mim.

Uma cidade eleita para viver?

Lisboa, sempre. Com os buracos, com tudo. Não podendo ser Lisboa, Paris, onde já vivi. Acho que Paris está 'fora' das outras coisas todas. É uma cidade do coração. Mas se há coisas que evoluíram, são as pequenas cidades, como Aveiro e Viana do Castelo. Acho que a qualidade de vida está lá mais do que nas grandes cidades. E do ponto de vista arquitectónico, Viana do Castelo está fabulosa, com a parte ribeirinha, a biblioteca do Siza, muito bonita. É onde se vê a boa evolução das cidades.

Três coisas que faltam em Lisboa.

Falta uma boa coordenação de transportes públicos, uma revitalização a sério da Baixa e um aproveitamento a sério da parte ribeirinha da cidade, para que deixemos de estar de costas voltadas para o Tejo.

Se tivesse agora doze anos, o que lhe apetecia fazer?

Fugir de casa. Seja com a idade que for. Principalmente com doze anos. Sempre quis ser jornalista porque achava que era uma profissão que nunca se estava em casa. E enquanto não fugia, escrevia. Comecei muito cedo a escrever para o jornal, há mais de 50 anos. Tinha 13, 14 anos. E nunca mais parei!

Veja a entrevista na íntegra em www.casaclaudia.pt